



## O que resta de Nietzsche ou Narizinho no espelho

### *What's Left of Nietzsche or Little Nose in the Mirror*

Henry Burnett

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, São Paulo / Brasil

henry.burnett@unifesp.br

<http://orcid.org/0000-0001-6806-8333>

**Resumo:** O artigo procura discutir as principais linhas de influência do pensamento de Nietzsche na formação intelectual de Monteiro Lobato. Para isso, utiliza a troca epistolar do autor com Godofredo Rangel, reunida em *A barca de Gleyre*. A intenção é demonstrar o lugar destacado que Nietzsche ocupa entre as referências do escritor. Em várias cartas, a interpretação de Monteiro Lobato é claramente equivocada, em outras, alinhada ao que havia de mais progressista. Ao cotejar depoimentos que cobrem quase 50 anos de atividade intelectual, a conclusão é que Monteiro Lobato considerava Nietzsche um modelo de liberdade e independência moral. Até o fim, Lobato permaneceu irmanado ao “seu filósofo”, como se referiu a Nietzsche mais de uma vez.

**Pavavras-chave:** Monteiro Lobato; Nietzsche; filosofia; literatura; formação; influência.

**Abstract:** The article seeks to discuss the main lines of influence of Nietzsche's thought in Monteiro Lobato's intellectual formation. For this, he uses the author's epistolary exchange with Godofredo Rangel, gathered in *A barca de Gleyre*. The intention is to demonstrate the prominent place that Nietzsche occupies among the references of the writer. In several letters, Monteiro Lobato's interpretation is wrong, in others aligned with what was most progressive. When comparing testimonies that cover almost 50 years of intellectual activity, the conclusion is that Monteiro Lobato considered Nietzsche a model of freedom and moral independence. Until the end, Lobato remained brotherly to “his philosopher”, as Nietzsche referred to more than once.

**Keywords:** Monteiro Lobato; Nietzsche; philosophy; literature; formation; influence.

Estamos em um momento no qual talvez não seja mais necessário tergiversar sobre o lugar de Nietzsche como ponto de inflexão na história da modernidade. Seja como anti-filosofia, em seus incansáveis embates com a tradição, seja como antídoto contra o otimismo lógico e seus efeitos sobre a

ciência, a indústria, a história e a cultura, ou ainda como um modelo utópico para vanguardas artísticas mundo afora, tudo isso e um pouco mais ainda resta de Nietzsche. Apesar da inversão ética operada por Primo Levi, lance que, eventualmente, poderia fundir, na metáfora de Giorgio Agamben, o conceito de além-do-homem junto com as matrizes da ética clássica, – dando azo para a aceitação tácita de um aquém-do-homem, uma regressão fatal – a obra de Nietzsche resiste.<sup>1</sup> A que se deve esse fôlego sempre redivivo?

Sua obra se estabeleceu, desde a origem, como uma nova senda, errática sem dúvida, por onde poucos ousaram seguir. Sua dimensão utópica, no entanto, não cansa de se reapresentar em diversos âmbitos.<sup>2</sup> Nesse terreno, o Brasil ocupa um lugar estranho, pois, desde o final do século XIX até hoje Nietzsche nunca deixou de impressionar nossos autores, – pensando aqui na delimitação latina de *auctor* como aquele que gera, que produz, autor fundador, mas também inventor de uma reflexão singular – isto é, essa definição abarca nossos intérpretes do Brasil dentro de um espectro amplo, onde cabem romancistas, ensaístas, historiadores, sociólogos, jornalistas e escritores das mais variadas origens e cortes ideológicos.

---

<sup>1</sup> É preciso ler a passagem completa onde Agamben formula a hipótese: “Trata-se, portanto, de uma zona de irresponsabilidade e de ‘*impotentia judicanti*’, que não se situa *além* do bem e do mal, mas está, por assim dizer, *aquém* dos mesmos. Por meio de um gesto simetricamente oposto ao de Nietzsche, Levi deslocou a ética para *aquém* do lugar em que estamos acostumados a pensá-la. E, sem que consigamos dizer por que motivo, percebemos que esse *aquém* é mais importante do que qualquer *além*, que o sub-homem deve interessar-nos bem mais do que o super-homem. Essa infame zona de irresponsabilidade é o nosso primeiro círculo do qual confissão alguma nos conseguirá arrancar e no qual, minuto após minuto, é debulhada a lição da temível *banalidade do mal*, que desafia as palavras e os pensamentos” (AGAMBEN, 2008, p. 31, grifos do autor).

<sup>2</sup> Sobre esta questão, afirma Ernani Chaves: “[...] não se poderia deixar de reconhecer, afirma Horkheimer, os elementos utópicos – e por isso mesmo emancipatórios – contidos na concepção do Além-do-homem. O problema, segundo Horkheimer, está no fato de que Nietzsche não conheceu Marx, mas apenas os socialdemocratas. A consequência disso é dupla: a primeira é que Nietzsche não pode conceber a meta do Além-do-homem como sendo a ‘sociedade sem classes’, um conceito que aos poucos se perde na Socialdemocracia; a segunda – Horkheimer tem em mente, muito provavelmente, a Crítica ao programa de Gotha – é que Nietzsche acabou por avaliar equivocadamente o caráter histórico do trabalho, ao pensar que o trabalho não poderia perder seu efeito escravizador. Apesar de tudo isso, não se poderia deixar de reconhecer em Nietzsche ‘o ódio por um mundo dominado pela economia’” (CHAVES, 2010, p. 158).

Houve uma recepção vasta, mas também muito irregular de Nietzsche no Brasil, diferenças que precisamos isolar: a recepção de ocasião foi destilada sobretudo nos jornais; a universitária, mais tardia, acompanhando a implementação lenta do ensino superior no Brasil, é a mais longeva e bem estabelecida; artigos em revistas e outras variantes não especializadas também ocupam lugar de destaque.<sup>3</sup>

Todavia, entre tantas formas de leitura e interpretação, houve uma que é menos visível, pois não está ligada a movimentos uniformes ou setorizados. Em alguns casos, essa forma de influência não depende sequer de indicações diretas ou citações em outras obras, embora por vezes também possa se servir dela. No caso do escritor Monteiro Lobato, podemos dizer que o desafio é duplo: em sua correspondência, sobretudo em *A barca de Gleyre*, as referências a Nietzsche são abundantes.<sup>4</sup> Temos aí um manancial sobre o qual podemos trabalhar de modo direto. Já quando nos voltamos para sua obra literária, Nietzsche desaparece. Ainda na apresentação do volume, sabemos que *A barca* nos dá “a chance de entrar em contato com os sonhos, pensamentos e desejos de Monteiro Lobato e acompanhar passo a passo sua formação intelectual” (LOBATO, 2010a, p. 13). Como veremos, depois de analisar o papel de Nietzsche na formação do escritor, torna-se indefensável a ideia de que Nietzsche desaparece na obra literária. Como Nietzsche permanece quando as citações, paráfrases e referências somem? De que forma se dá essa influência subliminar? É sobre esse nível distinto de pertencimento que gostaria de fazer alguns apontamentos, em dois movimentos distintos.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Os Cadernos Nietzsche publicaram uma série de dossiês sobre a recepção de Nietzsche no Brasil reunindo um volume significativo de documentos. Os textos podem ser consultados a partir do nº 35 da revista, de dezembro de 2014 em diante.

<sup>4</sup> *A barca de Gleyre* reúne a correspondência de Lobato com Godofredo Rangel, escritor e tradutor nascido em Carmo de Minas (MG), ao longo de mais de 40 anos. Na apresentação ao volume, lemos: “Por sugestão do criador de Jeca Tatu, o livro recebe seu nome inspirado em *Ilusões perdidas*, tela de Charles Gleyre (1808-1874), que integra o museu do Louvre, em Paris” (LOBATO, 2010a, p. 22).

<sup>5</sup> Este trabalho está dividido em duas partes: nesta “Parte 1” trataremos somente de *A barca de Gleyre*. Em outro artigo cuidaremos da obra literária. Sobre o conceito de “influência” vale dizer que poderia ter sido substituído por “recepção” ou mesmo por “teoria da recepção”. Todavia, o leitor vai notar que não há exagero, na medida em que Lobato toma Nietzsche na acepção exata da palavra. Veremos no que consiste essa autossugestão do escritor em relação ao filósofo.

Na primeira referência a Nietzsche (São Paulo, 1903), Lobato lembra Godofredo Rangel de uma tarefa, um pacto juvenil, “andamos agora cheios de projetos grandiosos. Em janeiro vamos nos meter pelos sertões da Mantiqueira para apalpar o terror cósmico e ler Nietzsche berradamente do alto das maçaranduvras. E panteizar [...]” (LOBATO, 2010a, p. 45). O jovem Lobato, com 21 anos, vê em Nietzsche uma promessa panteísta, uma conexão Deus-universo-natureza. Poderíamos pensar que Nietzsche vai fomentar no futuro autor das histórias infante-juvenis e “maduras” essa visão integrada do homem com o abissal, mas não será bem assim. Sua leitura de Nietzsche sempre estará mais próxima de uma ideia de autoformação. É o que lemos em uma carta de 2 de junho de 1904, um ano depois.

Mas, Rangel amigo, você se complica demasiadamente. A primeira página da tua carta parece um fragmento do *Assim falou Zaratustra* do meu Nietzsche. – ? – Chegou, sim. Chegou-me o Nietzsche em dez preciosas brochuras amarelas, tradução de Henri Albert. Nietzsche é um pólen. O que ele diz cai sobre os nossos estames e põe em movimento todas as ideias-germens que nos vão vindo e nunca adquirem forma. “Eu sou um homem-toupeira que cavo subterraneamente as veneráveis raízes das mais sólidas verdades absolutas.” E é. Rói o miolo das árvores – e deixa que elas caiam por si. Possui um estilo maravilhoso, cheio de invenções e liberdades. Para bem entendê-lo temos de nos ambientar nessa linguagem nova. Nietzsche me desenvolveu um velho feto de ideia. Veja se entende. O aperfeiçoamento intelectual, que na aparência é um fenômeno de agregação consciente, é no fundo o contrário disso: é desagregação inconsciente. Um homem aperfeiçoa-se descascando-se das milenárias gafeiras que a tradição lhe foi acumulando n’alma. O homem aperfeiçoado é um homem descascado, ou que se despe (daí o horror que causam os grandes homens – os loucos – as exceções[...])” (LOBATO, 2010a, p. 59-60)<sup>6</sup>

<sup>6</sup> A citação de Nietzsche que menciona o “homem-toupeira” não pôde ser localizada. Temos aqui algumas hipóteses que podem explicar isso, já que não há nenhuma referência bibliográfica na carta. Em primeiro lugar, Lobato utiliza uma importante edição francesa das obras de Nietzsche, na tradução de Henri Albert. A citação pode ser uma tradução direta da tradução de Albert ou uma “livre interpretação” de Lobato que o teria levado a formular a frase tal como aparece na referência, já que, no original alemão não pude encontrar nenhuma passagem onde Nietzsche utilize a imagem do “homem-toupeira”, o que não seria nenhum absurdo, caso houvesse. Por fim, vale dizer que não se trata de uma corruptela, pois o termo *Maulwurf*, “toupeira”, não é uma invenção, já que aparece em

O Lobato um tanto esotérico da primeira referência já é uma exceção na correspondência. Penetrar naquela “linguagem nova” [a de Nietzsche] não deixa de ser uma revelação na medida em que Lobato sempre foi considerado um antípoda ao modernismo paulista, algo que faria dele, automaticamente, refratário às rupturas de linguagem levadas a cabo por alguns dos seus integrantes, com Oswald de Andrade na proa. É verdade que não houve da parte dele adesão irrestrita ao modernismo paulista, ao contrário, ele se posicionou francamente contra uma exposição de Anita Malfatti (Ver LOBATO, 2008). Tornou-se um desafeto e sua obra recebeu a pecha de conservadora, algo que se relaciona de modo desigual com as recentes acusações de racismo e as tentativas de “queimar seus livros”. Na verdade, sabe-se que essa repulsa mútua não foi radical a ponto de impedir a comunicação de Lobato tanto com Mário quanto com Oswald; basta lembrar que foi ele quem mediou a tradução de *Macunaíma* nos Estados Unidos e, muitos anos depois da Semana, foi o próprio e insuspeito Oswald quem requalificou o legado de Monteiro Lobato. Mas, ainda em 1922, Oswald (ANDRADE, 2011, p. 33) afirmou que Lobato “não quis continuar a sua atitude inicial, que foi um estouro nos arraiais bambos da estética paulista”. Apenas um ano depois ele retornaria a Lobato, cuja “obra de ficção, desejada por Machado de Assis, realizou-se com a criação do tipo de Jeca Tatu. Era o inseto inútil da terra magnífica que, para gozar um espetáculo e ter uma ocupação, queimava as matas” (ANDRADE, 2011, p. 47).

Mas “aperfeiçoamento intelectual” como “desagregação inconsciente” já seria suficiente para balançar algumas certezas estabelecidas sobre o suposto conservadorismo estilístico e literário de Monteiro Lobato. Seu aperfeiçoamento, como mostra a passagem da carta, se dava *contra* a tradição, que ia se “acumulando n’alma”. Se pudéssemos falar em dois tipos de leitura da obra de Nietzsche no início do século no Brasil – uma conservadora e outra progressista – Lobato estaria sem dúvida no segundo grupo. Oswald parece ter sido o crítico ideal de Lobato, destacando suas ambiguidades com precisão, mas sem ignorar sua contribuição, como lemos em um texto de 1945.

---

torno de uma dúzia de vezes na obra de Nietzsche, sempre como uma imagem importante. Sobre as traduções de Henri Albert que Lobato utiliza, vale dizer que algumas datam de 1898 e vão até 1909. (Cf. LE RIDER, 1999).

Como se diz que a literatura russa começou com *O Capote* de Gogol, pode-se também afirmar que a nossa modernidade começou no *Jeca Tatu* de Lobato. Aí havia duas cousas evidentemente novas – o tema e a expressão –, o homem vítima da terra e a escrita nova. Qualquer estética vos dirá que nada se produz em literatura ou arte sem alguns elementos essenciais: o impulso, a técnica, a expressão, a crítica. Faltava a Monteiro Lobato a técnica atual que vinha através das sugestões da mecanicidade (o rádio, o cinema, o jazz) abolir a literatura explicativa. Faltava-lhe também a crítica, antes sobrava-lhe o mofo em que se consolidara a sua formação de bacharel. Eis aí o paradoxo. Ele, que produz o primeiro estilo novo sobre o tema novo do brasileiro, é quem ataca e quase destrói a primeira manifestação de arte moderna que tivemos com Anita Malfatti, na sua exposição no ano de 17. (ANDRADE, 2011, p. 146)

Chega a surpreender o enquadramento da obra de Monteiro Lobato que Oswald apresenta, como a que faria em 1949, quando já olha para um passado não tão distante da Semana sem hesitar em afirmar que “nossas tarefas foram gigantescas e aqui é o momento de fixar como pioneiros: na prosa Monteiro Lobato e na poesia Mário de Andrade”, além de informar o motivo, curioso mas não banal, da dissensão entre Lobato e os modernistas: “Um equívoco afastou Monteiro Lobato de nós pelo grave motivo de ele não entender níquel de artes plásticas e ter simplória e grosseiramente atacado Anita Malfatti. Mas a prosa de Lobato com os *Urupês*, já o reconheci publicamente, alentou a pesquisa apaixonada e incerta que começávamos” (ANDRADE, 2011, p. 170-171). Algumas linhas abaixo dessa passagem, Oswald faz uma conexão indireta que orienta o ponto fulcral deste artigo.

No patamar da nova poesia, “onde um dragão guarda os tesouros do amor” e “a felicidade persiste sobre o abismo negro” e “a serenidade é o prefácio da morte”, está a agitação tempestuosa de Nietzsche. A nova poesia restaura o *reino da criança*, do primitivo e do louco. Ouçamos Nietzsche... (ANDRADE, 2011, p. 171, grifo nosso)

Se essa chave de interpretação e a conexão que, suponho, Oswald estava fazendo estiverem corretas, a maior contribuição literária de Monteiro Lobato seria reavivar o *reino da criança*, e que essa fonte que o imortalizou estaria longe de resguardar tradição e racismo – tirante, por princípio, o estrutural, no qual, se compreendo bem, as acusações contra Monteiro Lobato se escoram –, apontando para uma contribuição determinante

no quadro de modernização de nossas letras, sem, no entanto, aderir ao movimento; deixemos essa rica e desafiadora hipótese para um segundo tempo, conforme indicamos na nota supra e retornemos ao quadro geral da formação do escritor. A partir deste ponto, penso não ser exagero falar em um *mergulho* de Lobato na obra de Nietzsche:

Perdoa-me o pedantismo ou imodéstia deste discurso. Mas estou pai presuntivo dessa ideia – e que não faz um pai com o primeiro filho? Ainda não ataquei [no sentido de exploração] os meus novos Nietzsches porque é coisa que requer silêncio e concentração e este São Paulo, com seus italianos que anunciam coisas *friescas*, mais os bondes e os autos, anda um horror de barulho. Felizmente as férias estão chegando, e naquele plácido remanso de Taubaté posso dar um mergulho de todo um mês no meu filósofo. (LOBATO, 2010a, p. 60)

Nesta carta de 2 de junho de 1904 Lobato cumpre o preceito de Nietzsche à risca, ao dedicar-se ao *seu* filósofo não sob o clima tumultuado da modernização industrial da capital paulista, mas no seu refúgio no Vale do Paraíba. Até nesse sentido, Lobato parece se espelhar no alemão e sua procura por silêncio, modelo de trabalho intelectual que não apenas adotou, mas também recomendou vivamente aos seus leitores do futuro. A carta que imediatamente depois desta menciona Nietzsche, após o refúgio e as renovadas leituras em Taubaté, embora incompleta, é uma das mais importantes, porque fixa uma imagem de Nietzsche muito útil tanto para a compreensão geral do quadro de formação intelectual de Lobato, quanto para procurarmos suas ramificações em sua obra literária. Trata-se de uma síntese inequívoca a que ele faz no 24 de agosto de 1904.

Rangel: há muito que quero insistir em Nietzsche, e dele te mando um volume que lerás e devolverás, e então mandarei outro [...]. Estes me vieram de França. Considero Nietzsche o maior gênio da filosofia moderna – o que vai exercer maior influência. É o homem “objetivo”. O homem *impessoal*, destacado de si e do mundo. Um ponto fixo acima da humanidade. O nosso primeiro ponto de referência. Nietzsche está *au delà du bien et du mal*, trepado num topo donde tudo vê nos conjuntos, e onde a perspectiva não é a nossa perspectivazinha horizontal. // Dum banho em Nietzsche saímos lavados de todas as cracas vindas do mundo exterior e que nos desnaturam a individualidade [...]. (LOBATO, 2010a, p. 66, grifos do autor)

Alguns elementos se destacam imediatamente. Em primeiro lugar, Lobato compreende uma metáfora importante, aquela na qual Nietzsche joga com os conceitos de *profundidade* e *superfície*. Estar “acima da humanidade”, na superfície, não é uma forma de aparte, de isolamento, mas justamente uma posição privilegiada, que permite uma visão ampla do todo, contra a falsa profundidade da filosofia e da ciência, que Nietzsche constantemente combatia e que, tomadas as devidas proporções, é a mesma contra a qual o modernismo se opôs, embora aqui houvesse bem menos ciência e tradição contra as quais se armar. Com isso, a ideia de que Lobato estaria lendo Nietzsche isoladamente, como parte da moda antes mencionada, vai se dissipando a partir de suas próprias menções, como esta, na mesma carta supracitada: “Da obra de Spencer saímos spencerianos; da de Kant saímos kantistas; da de Conte saímos comtistas – da de Nietzsche saímos tremendamente nós mesmos. O meio de segui-lo é seguir-nos. ‘Queres seguir-me? Segue-te!’ Quem já disse coisa maior? Nietzsche é potassa cáustica. Tira todas as gafeiras [moléstias]” (LOBATO, 2010a, p. 59-60).

Como se vê, não se tratava de uma leitura desligada de uma manifesta compreensão – para nossa surpresa – da história da filosofia, mas também, e sobretudo, no que toca à introspecção do autor de *Ecce Homo*. Lobato assume a tarefa de “tornar-se o que se é” libertando-se do passado através de Nietzsche e o recomendando a Rangel como antídoto.

No começo você estranhará por que ele é ele, excessivamente ele e até joga com uma porção de palavras a que dá sentidos especiais – e daí tanto grifo no texto. Eu acho que Nietzsche te vai curar de todas as doenças do intelecto que acaso tenhas e das que possas vir a ter. A chave de Nietzsche você a tem no aforismo 178 onde ele inconscientemente se retrata como um “semeador de horizontes” – e é. E no Assim falou Zaratustra ele se define assim (definindo um personagem ideal): “*J’aime tous ceux qui sont comme de lourdes gouttes qui tombent une à une du sombre nuage suspendu sur les hommes: elles annoncent l’éclair qui vient, et disparaissent en visionnaires*”. Ele é isso. Corre na frente com o facho, a espantar todos os morcegos e corujas e a semear horizontes. É o abismo verlainiano da filosofia do Futuro Próximo. (LOBATO, 2010a, p. 67)<sup>7</sup>

<sup>7</sup> A passagem citada a partir da tradução de Henri Albert diz o seguinte: “Amo todos aqueles que são como gotas pesadas, caindo uma a uma da negra nuvem que paira sobre os homens: eles anunciam a chegada do raio, e como arautos perecem” (NIETZSCHE, 2011, p. 17).



Lobato (2010a, p. 67) cita um trecho da seção 4 do “Prólogo de Zaratustra” e avisa Rangel em tom jocoso que “caso ele não o acompanhasse nessa descoberta, o demitiria do cargo de amigo número 1”. Aos poucos vamos percebendo que Nietzsche não foi simplesmente um nome que chegava ao Brasil em uma sinistra mistura de louco e nazista, e que Lobato lia com aparato rigoroso, não como um capricho intelectual, apropriação essa que nunca deixou de existir e que confunde Nietzsche de todas as maneiras. O que chama atenção nessa leitura formativa que, como veremos mais adiante, não está isenta de equívocos, é que Lobato toca em pontos essenciais do pensamento de Nietzsche, como a questão do estilo. É o que vemos da carta de 24 de agosto de 1904.

E que estilo Rangel! Aprendi nele mais que em todos os nossos franceses. É o estilo cabrito, que pula em vez de caminhar. O estilo de Flaubert é estilo de tatorana: vai indo até o fim. O de Nietzsche nunca se arrasta, voa de pulo em pulo – e chispa relâmpagos, e chia, urra, insulta. É a mais prodigiosa irregularidade artística. Quando leio Nietzsche sinto ódio contra Flaubert o Impecável. Nietzsche é o Grande Pecador. (LOBATO, 2010a, p. 67)

Lobato chega a se aproximar de momentos avançados, onde algumas distinções que Nietzsche fez ao longo de vários anos em sua vida produtiva parecem compreendidos com total discernimento. O elogio dos franceses, por exemplo, algo que marca a virada de Nietzsche em direção ao Sul da Europa, passa despercebido a Lobato, mas a crítica a Flaubert não. Lobato distingue o estilo aforismático e fragmentado como um traço a ser imitado, mas compreende que a herança francesa em Nietzsche não é uniforme. Lembremos uma das “Máximas e flechas” d’*O crepúsculo dos ídolos*, em que Nietzsche escreve: “*On ne peut penser et écrire qu’assis* [Não se pode pensar e escrever senão sentado] (G. Flaubert). – Com isso te pego, niilista! A vida sedentária é justamente o *pecado* contra o santo espírito (*heiligen Geist*). Apenas os pensamentos *andados* têm valor” (NIETZSCHE, 2006, p. 15).<sup>8</sup> Essa é apenas a ponta de uma série de referências de Nietzsche a Flaubert, dissecadas primorosamente por Giuliano Campioni (2016).

---

<sup>8</sup> Na nota 19 da referida edição o tradutor informa a fonte da expressão “vida sedentária”, que Nietzsche retirou do romancista Gustave Flaubert a partir do relato de Guy de Maupassant no prefácio às cartas de Flaubert a George Sand (Paris, 1884, vol. III). O livro foi encontrado entre os livros de Nietzsche depois de sua morte.

Lobato vai ainda mais longe e falará em Nietzsche como uma “cura das doenças”, um “semeador de horizontes”. A intenção é mostrar que um dos escritores referenciais de nossa primeira literatura independente sofreu uma influência direta de Nietzsche, ainda não devidamente apreciada. Em alguns momentos, Lobato critica Rangel, ou vê algum tipo de limitação na leitura do amigo, talvez uma percepção menos empolgada que a sua, como quando devolve livros de empréstimo com observações que não agradaram o autor das *Reinações de Narizinho*; embora bem-humorada, a observação é inequívoca: “P.S. Veio de retorno o meu Nietzsche. Chegou bem de viagem e através das notas marginais disse-me que... que... que só te procurará em novos volumes alguns anos mais tarde, depois que o meu amigo Rangel amadurecer um pouco mais. Impertinente este alemão, não é verdade?” (LOBATO, 2010a, p. 80).

Na missiva de 9 de dezembro de 1904 há um tipo de comprometimento, um não voltar atrás no que parecia um programa de incorporação da obra de Nietzsche em sua própria atividade como *auctor*. Cabe perguntar como um papel aparentemente tão decisivo de um filósofo pode se incorporar na formação de um escritor do porte de Monteiro Lobato sem que essas leituras reflitam na criação literária. A sugestão de Oswald de Andrade, rapidamente exposta anteriormente, é a mais interessante – a ideia de que a obra de Lobato restaura “o reino da criança” e, por isso, se inscreve na atmosfera de modernização das nossas letras a partir de uma perspectiva nietzscheana. A correspondência mostra o conflito do autor com o ambiente tradicionalista contra o qual se debatiam seus desafetos modernistas. Todavia, essa leitura atenta contém equívocos inclassificáveis, contrabalançando momentos precisos com erros de avaliação, de resto, compreensíveis, como na interpretação exemplificada de um tema clássico da última fase da obra de Nietzsche, a figura da mulher. Diz Lobato em 21 de janeiro de 1907:

Nada menos obscuro, nada menos opaco, que uma moça: um instinto nu e cru vestido à moda do dia, com a moral do dia, com as astúcias do dia. A moça é um ser em dia. Com os homens tudo é diferente. Num predomina aquela “vontade de poder” do Nietzsche. Noutro, o instinto de exibição. Noutro, o da investigação. Mas nas moças – e ainda há cretinos que têm a mulher como misteriosa, esfingética! – a simplicidade é tamanha que às vezes nos desnorteia e passa por complexidade excessiva. A mulher é ovário, só, sem mistura. (LOBATO, 2010a, p. 135)

Podemos (devemos?) contextualizar passagens como essa, atribuir “ares de época”, mas em Lobato, como em Nietzsche, elas mais expressam um entendimento histórico e constante do lugar da mulher que singularidades de um ou outro autor, embora isso, em absoluto, os isente da responsabilidade de suas posições misóginas. A história também é farta de exemplos de respeito mútuo e “vontade de poder” feminino, para falar como Lobato, independentemente de sua compreensão desse conceito chave do último Nietzsche, que ele parece utilizar como sinônimo de força e de vontade. Nem por isso ele avança em sua compreensão do feminino. Em outro momento, Lobato derrapa ainda uma vez, em outro tema fundamental:

Outro revoltante defeito que noto em você é a falta de ambição monetária – fórmula vulgar do que Nietzsche assinala como a qualidade mestra dos fortes, a vontade de poder, a vontade de predomínio. Há muito pobre cuja ambição de enriquecer já é uma inapreciável riqueza. Eu, por exemplo. Sou um mísero promotor de 300 mil-réis por mês, mas meço as minhas ambições por alqueires. (LOBATO, 2010a, p. 140)

Não são equívocos de interpretação somente, também estamos diante de idiosincrasias do escritor, sobre as quais seria de pouca valia especular. Atribuir aspirações financeiras à vontade de poder é um dos maiores erros, entre tantos acertos, encontrados na correspondência, ou ainda uma assimilação cuja licenciosidade ultrapassa Nietzsche e está aquém dele.<sup>9</sup> Precisamos nos deter na letra do texto, apontar excessos, mas também reconhecer o lugar destacado que Nietzsche ocupa nessa troca epistolar, reconhecida como um documento valioso para todos os que se dedicam seriamente à obra de Monteiro Lobato. Mesmo quando só indiretamente a obra de Nietzsche é mobilizada, esse uso guarda um rigor e uma posição orientada por algum propósito. Em uma carta de 2 de abril de 1907, de Taubaté, Lobato desfere um rosário de críticas à Semana Santa, destila preconceitos e invoca Nietzsche ainda uma vez contra tudo e todos.

Enquanto te escrevo, o foguete e a música atroam os ares, espantam os silfos invisíveis, matam a tiros de pólvora e guinchos de latão essa incomparável música chamada Silêncio. E passa uma bandeira

---

<sup>9</sup> Sobre o conceito de “vontade de poder”, ver o incontornável livro de Wolfgang Müller-Lauter, *A doutrina nietzschiana da vontade de poder* (1997).

vermelha, chamada o Divino, com fitas pendentes que vão recebendo os beijos de todas as beatas; e corre a salva do Divino para pingamento de níqueis. O Divino é um passarinho amarelo na ponta de um pau. Tudo África, neste século de Ruskin e do *arbor day*. // Há uma semana que estou preso em casa porque lá fora a semana é santa. Há procissões de pretos e brancos a atravancar as ruas. Nas igrejas, muito consumo de agulhas e fumaças cheirosas, e litanias. Por toda parte, povo – o nosso povo, essa coisa feia, catinguda e suada. Sovacos ambulantes. A *cohue* [desordem], Rangel; a *bohue*, Rangel. A carapinha assanhada, a venta larga “fuzilando”, o coronel, o xale das mulheres, o chapéu duro e a roupa preta das “pessoas gradas”. Rangel, Rangel... Os olhos cansam-se de feiuras semoventes. Que *urbs*, estas nossas! As casas são caixões com buracos quadrados. E nem sequer os velhos beirais: inventaram agora o horror da platibanda. Não há mulheres, há macacas e macaquinhas. Não há homens, há macacões. Raro um tipo decente, uma linha que nos leve os olhos, uma cor, uma nota, um tom, uma atitude de beleza – nada que lembre a Grécia. // A Plebe, só ela, com o seu *fatras* [confusão] democrático e religioso, a expluir vulgaridade e chateza. Eu vingo-me lendo Nietzsche, lendo o teu Goncourt, lendo até Kant e Hartmann. Vingo-me quebrando a cabeça nos enigmas insolúveis, Eu, Não-Eu, Sujeito-Objeto, Imperativos Categóricos, Inconscientes, coisas de Schelling, de Lotze, de Fichte – ideias-múmias, como diz Nietzsche. (LOBATO, 2010a, p. 142-143)

O trecho permite diversas leituras. Há marcada intolerância contra as procissões, os hinos, a liturgia em torno da Semana Santa, justo de um autor que incorporou tanto da cultura popular em sua ficção infanto-juvenil. Não se trata de uma posição “nietzscheana” esta intransigência religiosa, porque Nietzsche também presenciou cenas religiosas e sua reação foi bem distinta. Lembremos um relato de sua amiga Malwida von Meysenbug descrevendo uma cena semelhante, em meio a uma viagem que faziam juntos a Sorrento, na Itália.

Querida Olga acabamos de voltar de um longo passeio em lombo de jumento (Rée e Nietzsche estavam a cavalo), aproveitando o retorno do bom tempo; detivemo-nos lá no alto, nas montanhas que dominam o golfo de Salerno, e das quais se veem os dois golfos dos dois lados da região, com as montanhas calabresas ainda cobertas de neve, e tudo resplandecia magnificamente sob o céu azul; o golfo de Salerno, ainda mais meridional e mais azul do que o de Nápoles; tudo coberto de flores; diante de nós, as ilhotas das sereias, que ficavam

lá embaixo, encantadoras; ao nosso redor, enquanto estávamos sentados lá em cima, um grupo de crianças quase africanas, de pele negra, olhos negros, dentes brancos, que riam em nossa direção e nos traziam flores, e acabaram entoando – foi terrivelmente engraçado – um canto supostamente religioso, cujo refrão era: *Viva, viva il cuor di Maria, Eviva Dio che tanto l'amà* [“Viva o coração de Maria, viva Deus que tanto a ama”]. Não é deliciosamente pagão e sensual? Foi uma manhã divina, e todos nós a apreciamos muito. (D’IORIO *apud* MEYSENBURG, 1920, p. 127)<sup>10</sup>

Ao comentar a cena, Paolo D’Iorio informa que “o refrão desse canto sagrado reaparece um ano depois numa caderneta de Nietzsche: ‘Passeio perto de Sorrento na montanha do macaco doméstico, *evviva il cuor di Maria/ evviva il Dio que tanto l’ama*’”. E, em outra caderneta da mesma época, o filósofo escreve: “um refrão (Sorrento) é escutado por nós em um cenário discordante [*falschen Folie*]: como em toda a música do passado”. A reação de Nietzsche é de tentar compreender a mistura entre o sagrado e o profano, o deslocamento, o anacronismo etc. D’Iorio esclarece:

Naquele dia, na península sorrentina, passeando a cavalo entre os dois golfos, Nietzsche percebeu a defasagem entre a música e o cenário que a acompanha. Percebeu a dissonância profunda entre a cena pagã daquelas crianças sorridentes e o hino cristão que elas cantavam. Na anotação redigida um ano depois, o filósofo generalizou essa experiência pessoal e viu ali a inevitável incompreensão que atinge toda música que não é escutada sobre o fundo da paisagem cultural e social da época que a produziu. (D’IORIO, 2014, p. 108-109)

Muito distinta foi a reação de Lobato, ainda que seja preciso relativizar os dois ambientes. Nosso escritor deveria estar familiarizado com o cenário, com as festas e a devoção popular, mas seus comentários em nada lembram os de Nietzsche, suas palavras são duras: “Nosso povo, essa coisa feia, catinguda e suada. Sovacos ambulantes” (LOBATO, 2010a, p. 142); ou “Não há mulheres, há macacas e macaquinhas. Não há homens, há macacões” (LOBATO, 2010a, p. 142); e ainda, um dos mais extremados: “Nada que lembre a Grécia” (LOBATO, 2010a, p. 143). Nietzsche, que poderia ter entrado em cena antes, estivesse Lobato hiper-antenido com

<sup>10</sup> Malwida a Olga Monod-Herzen, quinta-feira (antes de 10 de abril de 1877), cf. MEYSENBURG, 1920. Trecho de Paolo D’Iorio, *Nietzsche na Itália* (2014).

nuances como a que descrevi acima, poderia ter sido, por assim dizer, um antídoto antropológico, perspectivista, mas nada sobra do que parece ser uma aspiração estetizante para o Brasil, a partir do modelo helênico, como sempre. Quando Nietzsche entra é para prevenir Lobato contra a filosofia idealista alemã, as “ideias-múmias”. São discrepâncias profundas que movimentam as leituras nietzscheanas de Lobato. Desiguais, mas não desimportantes.

Trata-se de um momento admirável no conjunto da correspondência, este que põe a filosofia em destaque, e que merece, por isso, um tratamento atento. Não é a primeira vez que Lobato menciona temas e problemas estritos da filosofia. Demonstra afinidade com autores, escolas, movimentos e tendências da área. Todavia, nas cartas de 1907, o tema retorna com intensidade diferenciada. Uma, em especial, precisa ser cuidadosamente lida. Apesar de longa, destaco pontos importantes desta carta escrita em Taubaté, no ano de 1907, fundamental para um entendimento do conjunto.

A filosofia não é novidade. Já Spencer definiu a lei da evolução como uma complexidade, uma crescente heterogenização de estruturas e funcionamentos, tudo alheio às ideias de Bem e Mal, que são relativas, a despeito de todos os esforços escolásticos para que sejam absolutas. Há fenômenos, causas e efeitos, radiculas condicionais e condicionadas; mas finalidade, desígnio, é coisa que cai no “Incognoscível” de Spencer. Os teólogos “grilaram” essa terra devoluta, plantaram lá a tabuleta do Desígnio e surgiu o tremendo negócio de terrenos a prestação chamado Igreja. Vender terrenos incognoscíveis, indemarcáveis, que maravilha de negócio! Leia os *Primeiros princípios* de Spencer e lá verá tudo claro e no limpo – tudo matematicamente esclarecido. Todos os pontos, todas as “bocas de sertão” a que a Ciência pode chegar estão lá; para adiante Spencer finca o letreiro famoso: INCOGNOSCÍVEL (criando, aliás, a objeção: como sabe que é incognoscível? Como fecha a questão dessa maneira?). // E o fato de chegar você por mera intuição pessoal às mesmas conclusões de Spencer prova a força do teu senso filosófico. Nietzsche chama a isso (ter essa filosofia) colocar-se *além do bem e do mal*, isto é, num ponto de vista objetivo, sem perspectivas que adulterem as coisas e donde se possa perceber a emaranhadíssima rede das causas e efeitos das forças *indiferentes*. Um tiro no alvo, por exemplo; se acertou foi sorte, diz o povo comum; foi por obra e graça da entidade criadora do Desígnio – Deus, Divina Providência etc., diz o teólogo. Mas o sábio à Spencer diz que o fenômeno foi

rigorosamente determinado pelas condições do atirador, da arma e do meio ambiente; um fenômeno, portanto, é determinado por condições. Dadas aquelas condições, o fenômeno fatalmente ocorrerá. Aconselho-te Spencer nos *First principles*. É uma Suma. // Quanto a Nietzsche, meu conselho é que passes por ele a galope no cavalo da tua inteligência; no rabo desse cavalo amarrarás o ímã do teu temperamento, de modo que na galopada o ímã só atraia, só aproveite, só chame aquilo que te convier e que, portanto, te virá aumentar. Se o forças a atrair o que te parece bom, bonito, útil, embora não seja essa a opinião do teu temperamento, ficas abarrotado, mas não aumentado. Faça isso e não me voltarás a dizer que achas Nietzsche “soporífero”. Incrível! Talvez seja o único adjetivo que nunca jamais caberá a Nietzsche. É o contrário – é um matador do sono, da estagnação, da lagoa verde. É um desencrostador. // E por falar, contarei uma. Eu estava um dia no Gazeau, em São Paulo, espiando livros velhos, e havia parado para folhear um volume de Nietzsche. E estava lendo lá um aforismo qualquer, quando atrás de mim, sobre meu ombro, uma voz desconhecida soou, dizendo: “Esse autor é dissolvente!” A resposta me veio instantânea, como se o próprio Nietzsche a desse por meu intermédio: “Tal qual o sabão!” e voltei o rosto para ver quem era. Um padre!... // Lembrei-me daquele aforismo em que Nietzsche dá a opinião dos teólogos como o reverso prático da verdade. Se o teólogo diz que é branco, então é porque é preto. Sim, Nietzsche é um sabão, o melhor desengafeirador que encontrei na vida. “Eu sou uma toupeira que anda debaixo da terra roendo as raízes das velhas verdades.” Ele podia também dizer que era o Grande Sabão dissolvente das velhas verdades. // As minhas marcas nos Nietzsche que mando representam o gráfico da primeira impressão. Há um grande B inacabado que marcou um vago pensamento que me veio ao ler aquele pedacinho, um pensamento associado a Bilac... É uma psicografia estenográfica que só eu entendo. (LOBATO, 2010a, p. 145-146, grifos do autor)

Lobato, depois da longa recuperação das linhas gerais do pensamento de Spencer – esse, um admirador confesso de Darwin –, retorna a Nietzsche num tom bem diverso do que utiliza para descrever o filósofo inglês contemporâneo do alemão. Lamentavelmente, não temos acesso às cartas de Godofredo Rangel, que dispararam uma carta como essa e tantas outras.<sup>11</sup> Spencer empresta a Lobato o rigorismo científico, “leia os

---

<sup>11</sup> Algumas notícias dão a entender que uma edição dessa correspondência estivesse em andamento, mas por enquanto não foi possível localizar mais que alguns artigos pontuais,

*Primeiros princípios* de Spencer e lá verás tudo claro e no limpo – tudo matematicamente esclarecido” (LOBATO, 2010a, p. 145), ou ainda, “o sábio à Spencer diz que o fenômeno foi rigorosamente determinado pelas condições do atirador, da arma e do meio ambiente; um fenômeno, portanto, é determinado por condições por exemplo” (LOBATO, 2010a, p. 145); por outro lado, “quanto a Nietzsche, meu conselho é que passes por ele a galope no cavalo da tua inteligência; no rabo desse cavalo amarrarás o ímã do teu temperamento, de modo que na galopada o ímã só atraia, só aproveite, só chame aquilo que te convier e que, portanto, te virá aumentar” (LOBATO, 2010a, p. 146). Nietzsche é um motor, provoca os necessários deslocamentos de pensamento. Ainda uma vez, Rangel parece não acompanhar Lobato em sua entusiasta leitura, pois, como diz, se “o forças [Nietzsche] a atrair o que te parece bom, bonito, útil, embora não seja essa a opinião do teu temperamento, ficas abarrotado, mas não aumentado. Faça isso e não me voltarás a dizer que achas Nietzsche ‘soporífero’. Incrível! Talvez seja o único adjetivo que nunca jamais caberá a Nietzsche. É o contrário – é um matador do sono, da estagnação, da lagoa verde. É um desencrostador” (LOBATO, 2010a, p. 146).

Entre os inúmeros acertos da leitura de Lobato, é interessante notar que Nietzsche não foi utilizado para uma defesa da ciência – papel que Spencer parece assumir –, mas como um antídoto antidogmático contra a pequena teologia representada na figura do *pequeno pastor* de leitura rasa. A metáfora da toupeira retorna, mas Lobato já deixara claro que Nietzsche tinha para ele função depurativa, como uma solução – as metáforas químicas parecem as prediletas do escritor – na qual ele submerge e pretende introduzir seu amigo Rangel. Essa sugestão parece ganhar um reforço na carta de 11 de setembro de 1911, quando Lobato faz uma conexão inusitada.

Não conheço o *Inocente* de D’Annunzio – nada tenho lido ultimamente, fora uns malucos de gênio como o Aretino e o horrível louco que foi o Marquês de Sade. E por falar: desconfio que este marquês é a fonte donde Nietzsche emana – o olho-d’água de Nietzsche. Sade está no Index, e é de fato a coisa mais anti-cristã que possa ser imaginada. Mas é um gênio! (LOBATO, 2010a, p. 252)

---

onde algumas cartas de Rangel a Lobato são citadas. Por exemplo, cf. SPAGNOLI, 2018. Sobre as leituras de Spencer por Nietzsche – mais um acerto indireto de Lobato – ver Maria Cristina Fornari (2008).



Sabemos que essa vinculação, do ponto de vista filológico, é mais uma “irmandade espiritual” que um empréstimo direto, pois Nietzsche nunca leu Sade. Isso não desqualifica a sugestão de Lobato, que nesse caso, como em outros, acerta em cheio, embora indiretamente.<sup>12</sup> O que chama atenção é que, de todos os autores filósofos mobilizados por Lobato, nenhum parece organizar sua ideia de formação como Nietzsche. Se todos são lidos dentro de um quadro de conscientização histórica, Nietzsche entra sempre como uma espécie de norte, algo decisivo quando se pretende pensar sobre o lugar de Monteiro Lobato dentro de um quadro amplo de compreensão do Brasil e de seu lugar no mundo. Em algumas cartas, encontramos pretensões claras de avançar na direção de uma incorporação do pensamento de Nietzsche e de seus caminhos peculiares como uma escolha decisiva.

Também a mim me ocorre às vezes a ideia de fazer algo de ciência e desistir da literatura. Uma gramática histórica e filosófica, que me vingue da bomba que tomei no meu exame inicial. Comecei minha vida de estudos, bem sabes, com uma inabilitação em português. Ou um vocabulário brasileiro. Coisas assim de paciência. O perigo é nos meterem no Instituto Histórico. Não tenho ideia do que seja o Instituto Histórico, mas me represento um museu de múmias vivas, tossindo, escarrando. Antes disso talvez publique a minha tradução do *Anticristo* do Nietzsche, para a qual já tenho editor. Depende duma correção final do manuscrito que só poderei fazer quando acabar esta minha interminável estada em São Paulo, consumidora de todo o meu tempo em coisas profanas”. (LOBATO, 2010a, p. 238-239)

Note o leitor que Lobato sai do tema de um descaminho pela via da ciência, tomada de modo bem genérico, passa por uma crítica contundente de um tipo de “historicismo” capenga, que lembra a imagem do mofo da filologia clássica que Nietzsche rejeitava, para então lembrar de uma tradução de uma obra de “seu filósofo”. Tal projeto, nunca publicado, não se dedicava a qualquer livro de Nietzsche, mas ao seu maior libelo contra a dogmática cristã em sua versão secular, paulina e histórica: *O Anticristo*.

---

<sup>12</sup> Sobre o tema, cf. LEMOS, 2014. Indispensável lembrar a clássica passagem da *Dialética do esclarecimento*, onde Adorno e Horkheimer (1985, p. 92) registram que “A obra de Sade, como a de Nietzsche, forma ao contrário a crítica intransigente da razão prática, comparada à qual a obra do ‘tritador universal’ aparece como uma revogação de seu próprio pensamento. Ela eleva o princípio cientificista a um grau aniquilador”.

A ligação, que não se deixa notar numa leitura rápida, ganha todo sentido quando pensamos no significado dessa obra dentro do conjunto dos livros de Nietzsche. *O Anticristo* comporia uma obra maior, a *Transvaloração de todos os valores*, que Nietzsche não concluiu. Não sendo modernista por adesão, Lobato encontrava-se na ponta mais avançada da crítica de seu tempo, incorporando uma posição em relação a Nietzsche que só tem paralelo com a assimilação do filósofo por Antonio Candido, em 1947, no ensaio “O portador”.<sup>13</sup>

Nas últimas aparições de Nietzsche em *A barca de Gleyre*, Lobato já tem uma definição de filosofia que não deixa de ser uma assimilação daquela postura de Nietzsche em relação ao mundo e à vida. Ao mencionar um tal Camilo, escritor, em uma carta de janeiro de 1935, dizendo que esse teria lhe ensinado a ser “topetudo”, Lobato (2010a, p. 299) afirma a Rangel: “o topete filosófico eu o extraio de Nietzsche”. Não seria exagero afirmar que o Nietzsche de Monteiro Lobato cumpre uma função propedêutica no conjunto da correspondência, um autor que o conduz para fora não das convenções estilísticas da língua, das quais ele não quis abrir mão, mas da fixidez moral – algo que ajuda a pensar na diferença entre ser modernista e querer estar além do moderno, isto é, fora das delimitações obrigatórias, incluindo-se aí os movimentos de vanguarda. Tudo faz crer que Nietzsche foi sempre uma leitura descolonizadora para o autor de *Reinações de Narizinho*, infelizmente sem impedir as assimilações do racismo estrutural de seu país em muitas passagens, até nisso próximo de “seu filósofo” na ambiguidade. Como em Nietzsche, essa autocompreensão de chegar a um lugar destacado, de sentir-se livre, muitas vezes foi expressa em uma cena, em meio a uma viagem, um deslocamento. Escrevendo a partir de Santos, em 30 de julho de 1915, ele diz:

São 9 horas da manhã fria e sem sol. Sinos repicam lembrando o dia santo – Corpo de Deus. (“Deus tem corpo?” – “Não, é um puro espírito”, dizia o meu catecismo.) Fumo um cigarro, com as pernas estiradas sobre uma gaveta entreaberta, e sinto na alma o dia santo; estou feliz, contente, amigo dos homens e das coisas, num estado

---

<sup>13</sup> Ver o ensaio de Davi Arrigucci, “Movimentos de um leitor: ensaio e imaginação crítica em Antonio Candido”, de 1991. Sobre “O portador”, de Antonio Candido, “O portador ou um esclarecimento sem limites”, de autoria de Henry Burnett, ainda inédito, a ser editado pela Editora UnB, 2021.

d'alma merecedor de eternização. Olho para aquele vaso ali e me enteneço. Coitadinha da porcelana! Por quê, Rangel? Sei lá. Não sei nem quero saber, porque nestes momentos de felicidade misteriosa fujo de raciocinar. Parece que a felicidade é a animalidade contente, e raciocinar vale por desanimalizar-se. Nietzsche diz que a felicidade é a sensação de que a nossa força cresce. (LOBATO, 2010a, p. 318)

Mesmo não cabendo qualquer conclusão sobre o suposto nietzscheanismo de Monteiro Lobato, pode-se notar que suas leituras do filósofo se organizavam a partir de uma emancipação do pensamento. Há sempre jovialidade inserida nas referências, uma impetuosidade que movimentava sentimentos e reflexões. Se abandonarmos *A barca de Gleyre*, procurando no conjunto da produção mais memorialística de Lobato os traços de Nietzsche, chegaremos fatalmente a um texto de 1955, 40 anos depois da última referência citada. É uma forma de perceber que a obra literária de Lobato foi escrita tendo esse exemplo como uma sombra. Quando instado, em 1941 – é o que lemos na edição de um dos volumes de sua “Obra adulta” –, a escrever uma “espécie de balanço espiritual”, que seria publicado juntamente com os de outros nomes da época, Lobato declinou, alegando que “precisava de pelo menos seis volumes de 450 páginas cada um” (LOBATO, 2010, p. 167). Lobato rascunhou essas notas, embora elas não tenham entrado no volume *Testamento de uma geração*, publicado em 1944 pela Livraria do Globo, organizado do Edgard Cavalheiro. Como se lê na nota de esclarecimento ao texto “Confissões ingênuas”, que só seria divulgado em 1955, no Estado de S. Paulo, “são páginas autobiográficas do mais alto interesse as que, em seguida, reproduzimos”, e que elas contam “em rápidos traços, como se processou a sua formação filosófica” (LOBATO, 2010a, p. 167).<sup>14</sup>

Já se nota que “formação filosófica” era uma espécie de base sobre a qual nossos autores caminhavam, antes mesmo que suas obras viessem à luz. Monteiro Lobato (2010b, p. 168) começa dizendo que “A crise mental de que poucos escapam tive-a muito cedo, aos 18 anos. Até então permanecera quieto no catolicismo em que nasci. Assimilara do meio ambiente a ideologia católica, sem que nunca me ocorresse a tentação do exame”. Essas confissões podemos tomá-las como uma síntese do que até aqui se mostrava claramente

---

<sup>14</sup> Cf. LOBATO, 2010b. A nota de apresentação é assinada por Edgar Cavalheiro.

na correspondência com Godofredo Rangel, isto é, Lobato leu muita filosofia e alguns autores definiram seus pressupostos estéticos e morais. Não por acaso, mais de 40 anos depois, são os mesmos autores, e até as mesmas citações, que vão retornar no esboço autobiográfico.

Na perturbação de quem se vê desabrigado, na rua, em consequência do terremoto que lhe destrói o casebre, fui ter com um antigo professor, Germano Medeiros, que no colégio considerávamos o anticristo ao vermo-lo sempre às voltas com Augusto Comte e Littré. Contei-lhe tudo. O bombardeiro de Le Bon. O desmoronamento. O mal-estar de minha alma aflita em meio só de escombros. Eu procurava albergue novo. Quem sabe se Augusto Comte... Não era Augusto Comte o que eu procurava. Convenci-me logo às primeiras leituras. Apesar de verdolengo, que exigentezinho eu era na escolha da casa nova. (LOBATO, 2010b, p. 168-169)<sup>15</sup>

Comte era leitura incontornável naquela virada de século, tendo emprestado até o lema da Bandeira Nacional. Mas Lobato (2010b, p. 169, grifo do autor) descreve de modo curioso esse livramento do positivismo, “pus-me a estudar comigo mesmo e a fazer a coisa mais difícil de todas: *pensar*. Todo mundo pensa que pensa, mas bem poucos sabem o que é pensar – e como é penoso pensar”. Se insisto na palavra livramento, central nos movimentos introspectivos de Nietzsche, é porque ela é da mesma ordem do que se passou com Lobato. Nessas confissões tardias, Lobato confirma determinadas tomadas de posição já discutidas aqui. Spencer, por exemplo, autor que na correspondência mais recuada estava ligado a uma visão afirmativa da ciência, reaparece com posição nuançada no todo da formação lobatiana.

Por algum tempo acomodei-me na arquitetura de Herbert Spencer, mas sem adesão incondicional. Ainda não era bem o que eu queria. E o que é que eu queria? Ignorava. E como ignorasse, procurava. Fossei outros filósofos. Nada. Em todos só via sistemas, o meu indefinível anseio desadorava a rigidez dos sistemas. Era o anseio por certo tipo de liberdade que não via em nenhum. Quem escapa de uma prisão apavora-se só à ideia de recolher-se à outra. (LOBATO, 2010b, p. 169)

---

<sup>15</sup> Émile Littré foi um lexicógrafo e filósofo francês (1801-1881). Gustave Le Bon foi polímato, escrevendo sobre várias áreas (1841-1931).

Nosso autor fala em um tom inteiramente semelhante àquele da juventude, como se os anos passados em nada tivessem lhe alterado a perspectiva autocentrada, de uma consciência movimentada a partir de uma conquista, o livre pensar. As “Confissões ingênuas”, de 1955, parecem concluir aquele retorno “ao reino da criança” de que falava Oswald de Andrade, com uma lembrança que guarda profunda relação com um fato decisivo: “O destino levou-me ocasionalmente a ler uma frase de Nietzsche, numa brochura que um colega trazia debaixo do braço. Dessas frases-pólen que nos rebentam botões lá dentro” (LOBATO, 2010b, p. 169). Como não lembrar da famosa cena quando Nietzsche narra a descoberta de *O mundo como vontade e representação*, de Schopenhauer?

Um dia encontrei esse livro no antiquário do velho Rohn, tomei-o completamente por acaso em minhas mãos e o folhee. Não sei que demônio me sussurrou: “leve este livro para casa”. De todo modo, o fato se deu de modo contrário ao meu hábito de não me precipitar quando estou comprando livros. Já em casa, atirei-me no canto do sofá de posse do tesouro recém adquirido, e comecei a permitir que aquele gênio enérgico e sombrio fizesse efeito sobre mim. (NIETZSCHE, 1994, p. 298)

Teriam sido 14 dias ininterruptos de leitura, a se acreditar em Nietzsche. É uma óbvia coincidência, mas que diz muito sobre o movimento de liberação do pensamento, algo que guarda decerto um traço romântico, mas que não é raro em tantas descrições consagradas, desde as belas páginas de Kant em *Resposta à pergunta: o que é “esclarecimento”*? Lobato faz sua descrição em tintas não menos arrebatadas.

Fui dali a um livreiro em procura de obras desse Nietzsche. Não havia nenhuma. Encomendei todas. Algum tempo mais tarde recebi as obras de Nietzsche na tradução de Henry (sic) Albert – e mergulhei no filósofo alemão. Foi a maior bebedeira de minha vida. Aquele pensamento terrivelmente arrebatador intoxicou-me. Um dos seus aforismos penetrou em meu ser como a coisa que procurava. “VADE MECUM? VADE TECUM.” Queres seguir-me? Segue-te. Essas palavras foram tudo – foram o meu remédio certo. Marcaram o fim da minha crise mental. Normalizaram-me. Entregaram-me a mim mesmo. O que naquela ânsia através das filosofias eu procurava era eu mesmo – e só Nietzsche me contou que era assim. Em vez de seguir a alguém, ia seguir a vaga intuição do meu eu... (LOBATO, 2010b, p. 169)

Se precisamos atravessar *A barca de Gleyre* procurando citações e referências a Nietzsche, tentando construir um encadeamento seguro, aqui, nas “Confissões”, a síntese do próprio Lobato é lapidar. Surpreende que Nietzsche atravesse esse depoimento tardio de uma ponta a outra. Essa autoconsciência emprestada de Nietzsche não é útil apenas porque podemos delinear inúmeras outras perspectivas de leitura de sua obra ficcional, mas também porque esclarece – e enfraquece – a oposição modernismo oficial vs tradicionalismo lobateano. E não poderia ser mais nietzscheana sua leitura, na medida em que não se trata de seguir nem mesmo Nietzsche. Com isso, é como se a incorporação do movimento liberador vindo de Nietzsche não retornasse a ele, quebrando a ideia tradicional de influência: “A ideia de tornar-me um aparelho receptor, nu de qualquer preconceito, deixado sempre ao léu, ferrenhamente defendido contra tudo que fosse ‘Imposição’, pareceu-me – coisa certa – e a procurada. ‘SEGUE-TE’” (LOBATO, 2010b, p. 169).

Monteiro Lobato é, ainda hoje, considerado um dos maiores, se não o maior, escritor de literatura infanto-juvenil do Brasil, sem falar de sua obra adulta, também assinalada, ainda que em menor grau. Tudo o que ele escreveu no terreno da ficção literária, mas sobretudo o quinhão voltado às crianças, instaurou uma narrativa, um lugar a partir do qual as personagens se multiplicam, o lugar onde vige o mito. Logo, o que significa o “segue-te” herdado de Nietzsche? Que ensinamento é esse que leva o escritor a dizer que “nunca uma palavra foi melhor compreendida, melhor apreendida, melhor sentida. Sua significação última era liberdade mental e moral”? (LOBATO, 2010b, p. 169)

Se há fundamento nas acusações recentes contra a obra de Monteiro Lobato, a pergunta que precisamos fazer é: como um escritor livre, mental e moralmente, pode ter se deixado contaminar passivamente por nosso pior flagelo – a escravidão – ao ponto de naturalizar a penetração do efeito mais nefasto dos trezentos anos de sua ação, o racismo, como um elemento articulador das histórias mítico-infantis que ele elevou ao patamar do cânone, sendo, portanto, elas mesmas um fator de disseminação da intolerância? Se, como afirmou Lobato (2010b, p. 170), “a função desse filósofo em minha vida foi sempre devolver-me a mim mesmo”, só temos dois caminhos: ou o Nietzsche de Monteiro Lobato era, de fato, como sugerem as leituras enviesadas, um defensor da hierarquia social, da permanência dos escravos, da ascensão de um homem branco com perfil superior, ou a obra de Lobato

incorpora as contradições de seu tempo para miná-las, como Nietzsche. O escravagismo brasileiro, como aprendemos a ler nas obras literárias, era um sistema integrado ao nosso liberalismo, sendo, portanto, parte constitutiva de uma organicidade, à qual *nossos* teóricos liberais emprestavam ares de legitimidade. Lobato se expressa assim a respeito das amarras de seu tempo e do livramento nietzscheano que pautou sua criação.

E assim foi que me fiquei na vida sem sistematização nenhuma, livre como um passarinho, a esvoaçar para onde aprazia, levado apenas pelas minhas intuições, insubmisso a fórmulas e autoridades. Essa insubmissão estendeu-se à minha literatura. Tudo quanto produzi, contos ou sonhos infantis, não se subordinam a norma nenhuma. Segui apenas a veneta. “QUERES SERGUIR-ME? SEGUE-TE”. (LOBATO, 2010b, p. 170)

A partir daqui, portanto, devemos fechar a autocrítica diluída na correspondência e nas “Confissões” e abrir os livros de Lobato. É neles, e só neles, que poderemos “testar” sua liberdade moral e os caminhos que lhe foram franqueados graças a ela. De que maneira ele fez confraternizar o mito e os costumes? Como Lobato pode ter sido anti-modernista e nietzscheano? Poucas vezes um escritor manifestou filiação tão clara e poucas parece tão difícil compreendê-lo. Mas a suspeita esteve desde sempre plantada, e Lobato sabia disso.

Não fiz na vida outra coisa senão em tudo trilhar o conselho nietzschiano, indiferente a censuras ou aplausos ou a interesses. Claro que num terreno assim a ciência positiva crava as unhas. A ciência positiva “prova” e, quando há provas, que lugar subsiste para a dúvida? (LOBATO, 2010b, p. 170)

## Referências

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AGAMBEN, G. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008.

ANDRADE, O. Informe sobre o modernismo. In: \_\_\_\_\_. *Estética e política*. São Paulo: Globo, 2011. p. 144-155.

- ANDRADE, O. Novas dimensões da poesia. In: \_\_\_\_\_. *Estética e política*. São Paulo: Globo, 2011. p. 156-174.
- ANDRADE, O. O esforço intelectual do Brasil contemporâneo. In: \_\_\_\_\_. *Estética e política*. São Paulo: Globo, 2011. p. 39-53.
- ANDRADE, O. O futurismo tem tendências clássicas. In: \_\_\_\_\_. *Estética e política*. São Paulo: Globo, 2011. p. 32-34.
- ARRIGUCCI, D. Movimentos de um leitor: ensaio e imaginação crítica em Antonio Candido. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 nov. 1991. Caderno Letras, p. 6-4.
- CAMPIONI, G. *Nietzsche e o espírito latino*. São Paulo: GEN: Loyola, 2016.
- CHAVES, E. “Não se pode falar de Nietzsche, sem relacioná-lo claramente à atualidade”: O Nietzsche “francês” nas páginas da *Zeitschrift für Sozialforschung*. *Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade*, São Paulo, n. 16, p. 147-165, jul./dez. 2010. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v0i16p147-165>.
- D’IORIO. *Nietzsche na Itália*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- FORNARI, Maria Cristina. O filão spenceriano na mina moral de Aurora. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo: Discurso Editorial, n. 24, p. 103-143, 2008.
- LE MOS, F. Sade, Nietzsche e o expurgo do pensamento. *Revista Trágica*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 68-81, 2014.
- LE RIDER, J. *Nietzsche en France*. De la fin du XIXe siècle au temps présent. Paris: PUF, 1999.
- LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010a.
- LOBATO, M. Confissões ingênuas. In: \_\_\_\_\_. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Globo, 2010b. p. 168-171.
- LOBATO, M. Paranoia ou mistificação. In: \_\_\_\_\_. *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo, Globo: 2008. p. 40-41. *E-book*.
- MEYSENBUG, M. *Im Anfang war die Liebe*. Briefe an ihre Pflgetochter. Berta Schleicher (Org.). 2. ed. Munique: Beck, 1920.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina nietzschiana da vontade de poder*. São Paulo: Annablume, 1997.
- NIETZSCHE, F. *O crepúsculo dos ídolos*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.



NIETZSCHE, F. Rückblick auf meine zwei Leipziger Jahre, 17 de outubro de 1865 – 10 de agosto 1867. In: \_\_\_\_\_. *Frühe Schriften*. Hans Joachim Mette e Karl Schlechta (Org.). Munique: DTV, 1994. p. 298.

NIETZSCHE, N. *Assim falou Zaratustra*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SPAGNOLI, C. Godofredo Rangel leitor: memórias literárias na correspondência trocada com Monteiro Lobato. *Revista Teresa*, São Paulo, v. 1, n. 19, p. 249-264, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2447-8997.teresa.2018.146109>.

Recebido em: 1 de julho de 2020.

Aprovado em: 4 de dezembro de 2020.